

O SURDO NÃO USUÁRIO DA LIBRAS NO CONTEXTO ESCOLAR: RELATO DE UMA VIVÊNCIA

Osani Severina da Costa Silva¹; Roberto Carlos Silva dos Santos²

Universidade Salgado de Oliveira, osaniproflibras@gmail.com.

Universidade Federal Rural de Pernambuco, robertolibras@yahoo.com.br.

Introdução

Construir um determinado conhecimento ao longo da vida é algo decorrente de diversos saberes, sejam eles empíricos, científicos, teológicos e filosóficos. Cada sujeito tem sua trajetória e cabe ao educador ter esta sensibilidade com o mesmo, mediando aprendizados de forma que este seja “autônomo” do próprio saber.

Acerca do que trouxemos, Freire (2011) salienta:

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (p.28)

Consonante com a citação acima, fica evidente que precisamos compreender a história de vida dos educandos, seus anseios, desejos, dificuldades e meios de superação. Esses são fatores muito importantes para o educador poder ajudá-los no processo de ensino e aprendizagem, especialmente quando lidamos com estudantes surdos.

A trajetória dos surdos na Educação é uma variante de altos e baixos. Desse modo, Strobel (2009) nos diz:

Na história de surdos dividimos em três grandes fases:

1. **Revelação cultural:** Nesta fase os povos surdos não tinham problemas com a educação. A maioria dos sujeitos dominava a arte da escrita e há evidências que antes do congresso de Milão havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros sujeitos surdos bem-sucedidos.
2. **Isolamento cultural:** Ocorre uma fase de isolamento da comunidade surda em consequência do congresso de Milão de 1880 que proíbe o acesso da língua de sinais, na educação dos surdos, nesta fase as comunidades surdas resistem à imposição da língua oral.
3. **O despertar cultural:** A partir dos anos 60 inicia uma nova fase para o renascimento na aceitação da língua de sinais e cultura surda após de muitos anos de opressão ouvintista para com os povos surdos. (p.12)

¹ Discente do curso de especialização em Libras (UNIVERSO)

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (UFRPE)

Assim como Strobel (2009), entendemos que a história não é apenas algo que foi ou algo que fica no passado, mas ela tem sua continuidade. No caso da Educação de Surdos, Strobel (2009) reforça a necessidade de toda a comunidade escolar e a família reconhecer suas responsabilidades para melhoria do processo de ensino e aprendizagem do surdo.

Contudo, observamos que estudos relatam as dificuldades que os surdos geralmente têm em suas relações no cotidiano escolar. Eles apontam para a não compreensão do processo de aquisição da linguagem pelos professores e pela família como causa para a frustração, timidez, solidão, agressividade, e até mesmo distúrbios comportamentais apresentados por surdos (LACERDA, 2006; STROBEL, 2009).

Outrossim, cabe salientar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) em seu bojo não compactua com as causas e consequências das barreiras atitudinais enfrentadas por surdos no espaço escolar. Ao contrário, ela nos orienta para a observação e análise do comportamento do aluno seu perfil e suas dificuldades a fim de oferecer meios para o seu desenvolvimento de competências e habilidades. Para tanto, a LDB pontua que é preciso contar com parceria familiar no espaço escolar, apoio especializado, técnicas, currículos e recursos específicos para que esses estudantes possam se sentir autênticos e adentrar com maior satisfação na escola (BRASIL, 1996).

A riqueza de elementos que compõe o espaço escolar inclusivo para surdos bem como as circunstâncias que esboçamos, ao nosso ver, justifica a necessidade de investigarmos continuamente a inserção do surdo em sala de aula e os fatores atitudinais intrínsecos a aquisição de uma língua quer na modalidade escrita quer sinalizada no contexto escolar (STROBEL, 2009).

Isto posto, este trabalho tem por objetivo compreender a maneira em que um estudante surdo não usuário da Língua Brasileira de Sinais (Libras) se relaciona essa língua no contexto escolar. Desse modo, esperamos dar nossa contribuição para o contexto investigativo da Educação de Surdos e, sobretudo, ampliar nossas reflexões sobre o papel da Libras no processo pedagógico em sala de aula.

Seguimos com este trabalho, discorrendo sobre o processo metodológico que subsidiou nossa pesquisa.

Metodologia

Este estudo de natureza qualitativa (MARCONI&LAKATOS, 2013), foi realizado numa Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) em maio/2018. Valemo-nos do estudo de caso como técnica metodológica qualitativa para balizar nossas ações investigativas, uma vez que esta estratégia permite uma aproximação do pesquisador com um fenômeno social específico (MARCONI&LAKATOS, 2013). Em nosso caso, o fenômeno social consistiu na

inserção do estudante surdo não usuário da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no contexto escolar, conforme disposto no objetivo geral desta pesquisa.

Contamos com a participação de um aluno surdo, matriculado no primeiro ano do ensino médio e acompanhado por uma profissional tradutora e intérprete de Libras. O aluno tem dezessete anos de idade e, portanto, com faixa etária inadequada para a série em que se encontra.

Como instrumentos de coleta de dados, fizemos uso de registros escritos, filmagens e fotos. Por conseguinte, a coleta propriamente dita pautou-se na observação participante, pois buscamos estivemos juntos do nosso sujeito de interesse e interagindo com ele durante suas vivências na escola, características próprias dessa técnica de pesquisa (MARCONI&LAKATOS, 2013). Por fim, os dados coletados foram sistematizados e discutidos, conforme apresentamos no item que segue.

Resultados e discussão

Por meio das observações realizadas, percebemos que o surdo apresenta um grande *receio para aprender Libras. Comunica-se através de mímicas* e não apresenta capacidade de oralização da língua portuguesa. Acreditamos que isso acontece porque, desde cedo, ele foi exposto à cultura ouvintista ora na família ora na escola, cujo os interlocutores (pais e professores) não dominavam a Libras, dificultando o processo de aquisição dessa língua (STROBEL, 2009).

Durante às aulas, o aluno conta com uma intérprete de Libras. Contudo, o aluno apresenta *desinteresse em aprender os conteúdos dos componentes curriculares, não é alfabetizado em língua portuguesa e apresenta uma certa facilidade para lidar com operações matemáticas em detrimento das outras disciplinas*. Outro fato que observamos é que a *escola não dispõe de Salas de Atendimento de Recursos Multifuncionais, nem mesmo uma equipe multidisciplinar para acompanhamento do rendimento pedagógico do estudante* nos horários após às aulas, sendo a intérprete a única profissional capacitada para lidar com surdos no contexto escolar. Isso nos parece preocupante, uma vez que a LDB assinala que o processo de ensino e aprendizagem precisa atender a especificidade do educando e facilitar o desenvolvimento de habilidades e competências nos diversos componentes curriculares numa perspectiva crítica e emancipatória (BRASIL, 1996; FREIRE, 2011).

Por conseguinte, observamos que o aluno *não se interessa pela interação com a intérprete; demonstra angústia com a presença dessa profissional*, a qual busca incessantemente conduzi-lo ao uso da Língua de Sinais. Entendemos que esse comportamento, se dá pela não construção de uma Identidade Surda pelo educando, o que dificulta o reconhecimento à importância da Libras e da presença do intérprete para a quebra das barreiras linguísticas em sala de aula (STROBEL, 2009; LACERDA, 2006).

Por último, apresentamos nossos comentários finais para este estudo.

Considerações finais

Neste trabalho, abordamos a maneira em que um estudante surdo não usuário da Língua Brasileira de Sinais (Libras) se relaciona essa língua no contexto escolar.

Os resultados que obtivemos mostram a fragilidade emocional do aluno surdo observado no contexto escolar e as limitações que este encontra por não ter adquirido a Libras e/ou a língua portuguesa. Além disso, vemos como o papel do intérprete no contexto escolar ainda é difuso e controverso, uma vez que este profissional se depara com realidades completamente adversas como o fato do aluno acompanhado não dominar a Língua de Sinais.

Desse modo, entendemos que o surdo ainda carece de elementos que propiciem tanto sua inclusão propriamente dita quanto a sua melhora no rendimento pedagógico, os quais podemos citar: estrutura educacional especializada na escola, professores com formação voltada as especificidades da surdez e encaminhamentos junto à família do estudante. Acreditamos que essa tríade trará bons frutos para a socialização do estudante e seu despertar para a aprendizagem de Libras.

Por fim, seguimos na expectativa que futuras pesquisas deem continuidade a observações de alunos surdos em contextos escolares, assim como ao processo de aquisição da Libras por esses indivíduos, a fim de que estas assim como a nossa sirva de pano de fundo para proposições de situações didáticas de ensino de Libras como primeira Língua para surdos.

Referências

BRASIL, República Federativa do. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso: 06 de agosto de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

LACERDA, Cristina A. **inclusão escolar de alunos surdos: O que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. Campinas, 2006.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Marina Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.